

O que leva algumas mulheres a se arrependem de ter filhos?

Entrevista com Malvine Zalcborg¹

Atlântico: Cresce o número de mulheres que admitem - embora de forma anônima - se arrependem de terem tido filhos. Uma página do Facebook recolhe vários desses testemunhos:

<https://www.facebook.com/IREgretHavingChildren/?fref=ts>.

Quais os motivos que podem levar uma mulher a se arrepender de ter filhos?

Malvine Zalcborg: Por muito tempo as mulheres não encontravam outra saída para suas vidas a não ser por via da maternidade. A liberdade pessoal aliada à liberdade sexual, tornou a opção da maternidade definitivamente uma *escolha* em nossa época. Nem todas as mulheres, no entanto, mesmo nestes tempos recentes, se imbuíram de que podem escolher ter filhos ou não, se assim o desejarem. Permitiram que o desejo de outros - seja da sociedade, da família, de um companheiro ou companheira - prevalecesse sobre o seu. Muitas vezes, disto só se dão conta quando ouvem o testemunho de mulheres que lembram a liberdade que conheceram por não terem tido filhos e terem podido se dedicar a realizações de acordo com seu verdadeiro desejo. Realizam o esforço requerido para zelar pelo sentido de si mesmas em face às infindáveis tarefas implicadas no funcionamento da casa (que recaem, ainda, em grande parte, sobre os ombros das mulheres) e na correspondência às demandas de atenção de companheiros e filhos - tão "cronofágicos"! -, que lhes dificultam ou até impedem de

desenvolver projetos pessoais e profissionais, como teriam desejado.

Atlântico: Como explicar esta liberação da palavra das mulheres? Trata-se de um fenômeno geracional ou da quebra de um tabu, um sentimento que existe desde sempre, mas sobre o qual as mulheres não ousavam falar até hoje?

Malvine Zalberg: Educar uma criança requer um preço que algumas mulheres não estão dispostas a pagar. Demanda tempo e, sobretudo, coragem de não se subtrair da responsabilidade de impor limites e proibições, e dos conflitos que dela podem surgir. Por vezes, o nascimento da criança faz ressurgir sentimentos mal elaborados, que a mãe pensava - ou preferia crer - desaparecidos na poeira do tempo. Ou, ainda, às vezes, a mãe dá-se conta de certo limite em seu amor, uma vez que este pequeno ser, que a encanta, também pode irritá-la e colocá-la à prova. Tal fato nos lembra que há ambiguidades em todas as formas de relações humanas: pode-se, a um só tempo, adorar e detestar o companheiro ou companheira, filhos, amigos, pais. Não costumamos dizer isto, o que não impede que se o viva.

O romance *A filha perdida*², de Elena Ferrante, discorre a respeito das dúvidas de uma mulher sobre esta escolha de ter filhos, mostrando que tais dúvidas podem surgir em qualquer momento de sua vida. A heroína é Leda, uma mulher de meia idade, divorciada, professora de literatura que se encontra num momento particular: suas filhas acabaram de ir morar com o pai no Canadá. Leda temia sentir-se sozinha e triste, com a partida das duas adolescentes. E, no entanto, não foi este o sentimento que surgiu. Pelo contrário, ela foi tomada por um sentimento de liberdade, como se sua vida tivesse se tornado mais leve, mais fácil. Uma cena prosaica numa praia de Nápoles entre uma mãe e sua filha pequena - riam entre elas, aproveitando

o prazer de sentir um corpo no outro, de roçar os narizes, de dar beijinhos uma na outra - faz com que Leda seja invadida por lembranças das escolhas não convencionais que fizera como mãe, e das consequências que delas decorreram para ela mesma e para a sua família. A aparentemente serena história de uma agradável redescoberta de si mesma numa mulher torna-se uma história de um doloroso enfrentamento com um passado perturbado. Para não ser confrontada com penosos sentimentos em relação à uma questão tão determinante em sua vida, é importante que cada mulher se questione a respeito de seu desejo, algo impensável de ser abertamente formulado antigamente: "Será que eu *quero* mesmo ter um filho?"

Atlântico: O sentimento de arrependimento de ter tido filhos é passageiro ou durável?

Malvine Zalberg: Pode ser passageiro, surgindo num momento em que a mãe se confronta com questões que trazem à tona a necessidade de reavaliar sua vida e as escolhas feitas ao longo da mesma. Se ela puder se reconciliar com as ditas escolhas, reconhecendo seus aspectos positivos, tanto quanto os menos positivos ou até negativos, ela poderá superar o estado de espírito que a fez questionar os rumos tomados. No entanto, se a reconciliação com suas próprias escolhas não se mostrar possível, ela pode permanecer num estado de luto permanente ou até melancólico em relação a toda a sua existência, com variadas reações de desânimo e amargor. De uma maneira geral, neste caso, o que prevalece é uma sensação de perda, de derrota.

Atlântico: Quais podem ser as consequências destes pesares sobre a mulher e sobre seu(s) filho(s) (depressão, suicídio, problemas com a educação...)?

Malvine Zalberg: Mesmo que a mulher só levante *dúvidas* do acerto ou não de um dia ter tido filhos - sem formular abertamente nenhum arrependimento -, é possível

que inconscientemente ela questione sua escolha. E, em geral, os filhos se ressentem: eles intuem e descobrem que, embaixo da capa de uma mãe devotada a eles, borbulha a insatisfação de uma mulher. O filme *Revolutionary Road*³ trata exatamente da insatisfação de April (Kate Winslet) que, tendo se mudado para um subúrbio de Nova York por causa dos seus dois filhos, sofre por aquilo que chama de "vida medíocre", levada por ela e o marido. Acreditando que uma terceira criança da qual engravidara poderia representar o fim de seu sonho de morar um dia em Paris, onde se realizaria como "pessoa especial", resolve abortar. Como o aborto é realizado em condições precárias, ela paga o preço de seu sonho com a própria morte.

Sem chegar, é claro, a tais extremos, é sempre bom lembrar que as questões não resolvidas da mãe têm influência profunda na vida de seus filhos, que reagirão de forma absolutamente singular, inclusive no interior de uma fratria. Mesmo quando o inconformismo de uma mulher com sua condição de mãe não se revela de forma "espetacular" (como no caso do filme *Precisamos falar sobre Kevin*⁴, por exemplo, no qual se vê as consequências dramáticas da falta de desejo materno sobre a vida no menino), a insatisfação materna pode ser disruptiva para os filhos. Quantas mães vivem ameaçando que "um dia irão embora, largá-los". Em geral, elas não vão, mas a insegurança que isso gera neles é muito grande. Aprendem a não contar com a mãe, pois ela poderá "não estar lá". Um dia, alguns filhos responderão a isso que vivem como desamor, com um "não estarem lá" para a mãe, por sua vez. Há, portanto, muitas interações mal estruturadas entre mães e filhos, sempre que uma mãe não vive integralmente (mesmo e ainda que com as ambiguidades naturais e inerentes à toda relação humana) sua condição materna.

Atlântico: Como ajudar as mulheres que se arrependem

de ter tido filhos a superar esse sentimento?

Malvine Zalcborg: Procurando ajudá-las a encontrar um novo significado para suas vidas, mesmo que ao preço de renunciarem ao que lhes pareciam ser o único através do qual poderiam ter se realizado. Muitas vezes, aliás, trata-se de encargos e obrigações que elas se auto atribuíram, em função da imagem que criaram da parentalidade ideal!

A noção de maiores escolhas das quais dispõem as mulheres hoje não se limita a ter filhos ou não. Há muitas outras formas, em qualquer momento, de encontrar maneiras de se realizar e dar novo rumo às suas vidas, com ou sem filhos. Para tanto, é preciso ter força, coragem e determinação, há de se convir, sobretudo para as mulheres que querem sempre ter tudo! Mas a bela aventura da vida feminina requer este preço.

¹ Entrevista realizada por Chloé Chouraqui, do Jornal online *Atlantico*. *Un vent nouveau sur l'info*. Paris, outubro de 2016. Malvine Zalcborg, psicanalista, autora, entre outros, do livro, recentemente lançado, *Ce que l'amour fait d'elle*. Paris: Ed. Odile Jacob, 2013. Agradecemos ao Jornal Atlântico e a entrevistada a autorização e a versão para publicar em *Opção Lacaniana Online nova série*.

² FERRANTE, E. (2016[2006]). *A filha perdida*. Rio de Janeiro: Intrínseca.

³ MENDES, S. (2008). *Revolutionary Road*. BBC Films & Dreamwork Pictures.

⁴ RAMSAY, L. (2012). *Precisamos falar sobre Kevin*. Paris Filmes.